

EDUCOMUNICAÇÃO E AS PRÁTICAS DE EXTENSÃO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE TUPANCIRETÃ/RS

EDUCOMMUNICATION AND EXTENSION PRACTICES IN RURAL EDUCATION IN RURAL SETTLEMENTS IN THE MUNICIPALITY OF TUPANCIRETÃ/RS

EDUCOMUNICACIÓN Y LAS PRÁCTICAS DE EXTENSIÓN EN LA EDUCACIÓN DE CAMPO EN ASENTAMIENTOS RURALES DEL MUNICIPIO DE TUPANCIRETÃ/RS

Cíntia Moralles CAMILLO¹
Liziany Muller MEDEIROS²

RESUMO: A educomunicação permite novos tipos de aprendizagem, formais ou informais, com viés mais democrático, igualitário e menos hierarquizado, atendendo à pluralidade e à diversidade cultural. Neste sentido, desenvolveu-se um projeto com finalidade de promover a educomunicação como prática extensionista na Educação do Campo nos assentamentos rurais no município de Tupanciretã no estado do Rio Grande do Sul - Brasil, por meio da produção de um vídeo. Para tanto, utilizou-se a linguagem cinematográfica com base na educação pela autoria e pelo protagonismo como forma de promover ações criativas e integradoras, possibilitando mudanças nas atitudes e nos valores dos sujeitos do campo em relação à conservação dos seus recursos naturais, que incluem tanto variáveis econômicas e sociais como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; Assentamentos; Agroecologia; Educação do Campo; Vídeos.

ABSTRACT: Educommunication allows new kinds of learning, both formal or informal, with a more democratic, egalitarian and less hierarchical bias, taking into account plurality and cultural diversity. In this sense, a project was developed with the purpose of promoting education as an extensionist practice in Rural Education in rural settlements in the municipality of Tupanciretã, in the Brazilian state of Rio Grande do Sul, through the production of a video. Cinematographic language was used, based on education through authorship and protagonism, as a means of promoting creative and integrative actions and enabling changes in the attitudes and values of the subjects in the field in relation to the conservation of their natural resources, which include both economic and social variables, as well as cultural, political and ethical variables of sustainability.

Licença CC BY:

Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.



- 1 Graduada em Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Mestranda em Tecnologias Educacionais em Rede pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. | *E-mail:* cintiacamillo@gmail.com.
- 2 Doutora e Mestre em Agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Graduada em Zootecnia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Professora Universitária. | *E-mail:* lizianym@hotmail.com.



KEYWORDS: Educommunication; Settlements; Agroecology; Rural Education; Videos.

RESUMEN: La educomunicación permite nuevos tipos de aprendizaje, formales o informales, con bies más democrático, igualitario y menos jerarquizado, atendiendo a la pluralidad y a la diversidad cultural. En este sentido, se desarrolló un proyecto con finalidad de promover la educomunicación como práctica extensionista en la Educación de Campo en los asentamientos rurales en el municipio de Tupanciretã en el estado de Rio Grande do Sul - Brasil, por medio de la producción de un vídeo. Para esto, se utilizó el lenguaje cinematográfico con base en la educación por la autoría y por el protagonismo como forma de promover acciones creativas e integradoras, posibilitando cambios en las actitudes y en los valores de los sujetos de campo en relación a la conservación de sus recursos naturales, que incluyen tanto variables económicas y sociales como variables culturales, políticas y éticas de la sustentabilidad.

PALABRAS-CLAVE: Educomunicación; Asentamientos; Agroecología; Educación de Campo; Vídeos.

INTRODUÇÃO

Na década de 70 os estudiosos tinham os países como a Inglaterra, a Austrália e o Canadá como referências na área da educação midiática, pela originalidade e abrangência de seus programas e apoio que recebiam de seus respectivos governos (SOARES, 2014). Ainda segundo o autor, nos Estados Unidos a educação mediática começou a ter força no governo dos democratas, contudo somente no final do mandato de Clinton os programas educativos alcançavam doze estados, vindo posteriormente a alcançar definitivamente os parâmetros curriculares (*academic standards*) de todas as unidades federadas.

No início do ano de 2007, o governo francês adotou a educação midiática como conteúdo curricular obrigatório em todas as escolas do país, isso depois de um longo esforço do Ministério da Educação em formar e estimular educadores para o desenvolvimento das atividades relacionadas às tecnologias de informação e comunicação (SOARES, 2014).

Segundo Melo (2008), no Brasil se pode falar numa configuração histórica na comunicação a partir de 1970, quando se criam na academia instâncias do poder simbólico conceituado por Bourdieu (2004), numa eventual convergência aos parâmetros da indústria cultural de Adorno, em que Melo (2008) denomina de sistema midiático. É da academia que saem as reflexões cuja base aponta para algo além, ou a mais, nesta inter-relação entre a comunicação e a educação, que quando colocadas em comum as práticas comunicativas e educativas teriam suficiência para configurar uma práxis autônoma (MESSIAS, 2011).

Os espaços de aprendizagem ampliaram-se com o aparecimento das tecnologias da informação e comunicação (TIC), provocando alterações tanto nos contextos de educação formal como na educação informal. Entende-se por educação formal todas as práticas pedagógicas levadas a cabo por instituições escolares e acadêmicas, e informal pelo conjunto de todas as aprendizagens adquiridas e desenvolvidas nos contextos pessoais e sociais, isto é, que não são praticadas no período em que o educando está no ambiente escolar.

Nesse âmbito, a educação e a comunicação vêm estreitando as suas relações devido ao atual momento em que a sociedade contemporânea se encontra. Necessitando incluir os jovens nos espaços formais e informais, a educomunicação surge como um método de ensino e aprendizagem capaz de motivar e inspirar a criatividade. Assim, segundo Santos e Santos (2017), a educomunicação é um novo espaço interdiscursivo e um novo campo de intervenção social, levando em conta as relações entre o sujeito social e as mídias.



A essência da educomunicação é a interação de caráter dialógico, que resulta em aprendizado e possibilita maior qualidade de participação na sociedade como cidadão (Machado et al., 2010). Deste modo, a expansão da tecnologia como forma de viabilizar o aprendizado também pode ser uma alternativa para o desenvolvimento e rendimento das famílias de agricultura familiar dos assentamentos da reforma agrária.

Nesse sentido que a educomunicação perpassa o presente trabalho como forma de mesclar conhecimentos, seja das assessorias técnicas locais ou dos próprios agricultores, que ao mesmo tempo em que aprendem novas técnicas para o desenvolvimento rural também são difusores daquilo que já implementam em suas propriedades (SOARES, 2006).

Logo, para que a educomunicação funcione, segundo Soares (2006), é necessário um conjunto de ações inerentes ao planejamento com todos os envolvidos, além disso, a comunicação entre os agentes e os beneficiários deve ser clara e aberta, criando assim uma maior autoestima dos sujeitos, deixando-as livres para se expressar. Perante o exposto, desenvolveu-se um projeto visando promover o diálogo entre a educomunicação e as práticas de extensão na Educação do Campo em espaços formais e informais, por meio da produção de vídeos.

Considerando-se que este tipo de pesquisa compreende formas de divulgar o movimento agroecológico para as famílias locais dos assentamentos, as TIC tornam-se uma ferramenta importante para a divulgação do projeto. Ademais a produção de vídeos como mediador pedagógico é capaz de abordar diversos temas, uma vez que a linguagem simples auxilia os espectadores a entrarem em contato com outras culturas e outras realidades sociais.

TEORIA E PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS

Segundo Gadotti (2012), a educação deve ser vista como um fenômeno complexo, abrangendo um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas, além de ser política, já que esta vertente da educação implica princípios e valores que configuram certa visão de mundo e de sociedade, o que leva a constatar que várias são as concepções e as práticas.

Destarte, a educomunicação permite o diálogo entre os dois campos de estudo, a educação e a comunicação, sendo que, para a primeira, só pode ser possível como ação comunicativa, uma vez que a comunicação se configura como fenômeno presente em todos os modos de formação do ser humano, sendo que a comunicação adotada passa a emprestar identidade ao processo educativo (SOARES, 2016).

Giannetti (2002, p.167) afirma que “temos visto que os sistemas sociais humanos se constituem de redes dialógicas e no domínio das interações entre sujeitos e estes com o meio encontrando-se imbricados a pré-história da experiência coletiva”, assim, no decorrer das ações de ensino colaborativo, a cada percepção se está atualizando tal memória, não uma memória apenas psicológica, mas uma memória do mundo (KIRST; BIAZUS, 2006). Perante o exposto, Weibel (1998) focaliza duas novas transformações radicais de “nossa imagem do mundo e dos novos mundos da imagem: a endofísica e a nanotecnologia, o que se pode chamar de o mundo de dentro e o mundo de fora”.



Desta forma, segundo Hoppe (2016, p.58):

Endofísica é uma ciência que explora o que um sistema vê, isto é, como e quando o observador se transforma em parte desse sistema, participando simultaneamente (endo) e/ou observando (exo), oferecendo uma aproximação a um modelo e a uma teoria geral da simulação, encontrada nas realidades virtuais, na metodologia de educação à distância e na prática de extensão.

Logo, a endofísica encontrada na educomunicação pode se relacionar com a concepção de educação colaborativa, apresentando uma visão de mundo concebida como interface e “implicando na transição de sistemas fechados para sistemas não definidos e incompletos com perspectivas múltiplas e pluralistas que transformam texto em contexto, totalidade em particularidades e objetividade em relatividade e covariação”, método muito utilizado nas práticas de educação aliadas às TICs (DAMIANI, 2008).

Neste contexto, as práticas e as teorias educacionais aliadas às dinâmicas das TICs podem trazer novas perspectivas para os sujeitos do campo no contexto formal e informal, as quais fazem parte de uma perspectiva de política mais abrangente que propõe uma transformação do mundo com a construção de novas relações sociais, em resistência às formas convencionais de pensar (GALL, 2005). O autor ainda cita que:

Existe um lado negativo da comunicação que são as matrizes culturais impostas pelas produções de mídia de massa, que identificam a sociedade como um conjunto de indivíduos que podem ser manipulados pelo seu consumismo; e da educação, a oposição aos padrões pedagógicos ensinados através de instituições educacionais formais convencionais tradicionais que impedem a reflexão e a crítica. Estas práticas tem inspiração teórica nos pilares conceituais das teorias da educação popular, que aponta para a libertação dos sujeitos; nas teorias críticas em educação fundamentadas na Escola de Frankfurt, tradições culturalistas; nas teorias da recepção, economia política dos meios de comunicação e semiótica, sendo uma encruzilhada multidisciplinar que absorve legados teóricos e práticos que historicamente serviram para criar campos de conhecimento sobre os objetos de estudo de muitas outras disciplinas.

O autor ainda enfatiza as três etapas de concepções diferentes que historicamente moldaram a inter-relação entre educação e comunicação, as quais foram:

- 1) As práticas são baseadas nos modelos de transmissão linear, que atribui papéis fixos entre emissores e receptores, considerando a prática educativa e comunicativa como um ato de transporte, ou seja, uma mensagem ou conhecimento que deve migrar de um ponto A para B.
- 2) A necessidade de realimentação ou retroalimentação para otimizar as habilidades dos destinatários de construção, do conhecimento, de novas habilidades ou até mesmo adquirir informações de forma eficiente nesta dinâmica, devendo-se verificar e ajustar os efeitos produzidos pela própria ação educativa ou de comunicação, bem como as consequências da intervenção.
- 3) Por fim, a concepção de ensino, de comunicação e de educação é concebida como atividade em grupo, nunca individual; antes de todas as atividades deve haver um diálogo com o próprio grupo



e o educador assume o papel de comunicador para facilitar e ajudar o grupo a compartilhar e adquirir novos conhecimentos.

Destaca-se que, para Soares (2016, p.199), “os campos da comunicação e da educação, simultaneamente e cada um a seu modo, educam e comunicam”. Nesta perspectiva, acredita-se que os recursos tecnológicos por meio dos vídeos proporcionam comunicação e educação.

EDUCOMUNICAÇÃO: A EXPRESSÃO COMUNICATIVA POR MEIO DOS VÍDEOS

Conforme Oliveira (2008), o uso dos vídeos vai além da apreciação de imagens e sons, uma vez que seu manuseio requer reflexão das informações contidas por meio do contexto, da linguagem, das ações e das manifestações culturais, proporcionando, assim, a ruptura da passividade do receptor, tornando-se sujeito do conhecimento, vindo a desenvolver uma mutação consciente tanto no educando quanto no educador.

Cada vez mais utilizados por serem acessíveis, os vídeos viabilizam uma comunicação de forma muitas vezes mais eficaz, vindo a proporcionar ao ensino e à aprendizagem uma forma mais interativa, priorizando por práticas que devem envolver de uma forma didática quem as observa.

Os vídeos, dentro da perspectiva do cinema-ação, cujos atores ao mesmo tempo que são espectadores são auto espectadores, neste caso são os próprios assentados os personagens, demonstrando sua própria realidade social, revelando os acertos e também as dificuldades que são enfrentadas no dia a dia dos assentamentos.

O incentivo à Educação no Campo e a qualificação dos próprios assentados são indispensáveis, quando se pensa em desenvolvimento rural, assim o Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES) - como enfoque principal a agroecologia - vem auxiliando os agricultores, a fim de apoiar, incentivar e ajudar a construir uma sociedade mais justa e igualitária, além de promover uma maior geração de renda. Logo o vídeo surge como um difusor de informações.

A propagação da banda larga e a facilidade da troca de informações via internet, assim como o uso dos vídeos, favorecem os sujeitos do campo a ter mais acessibilidade aos recursos midiáticos, tornando-se uma ferramenta eficaz de divulgação e comunicação. Assim, os vídeos constituem uma forma de se compartilhar e dividir experiências, que se revelam e se escondem nas narrativas, demonstrando-se eficientemente e atingindo um maior público com mais clareza e de uma forma mais dinâmica (SOARES, 2016).

A EDUCAÇÃO DO CAMPO E O MOVIMENTO AGROECOLÓGICO

Atualmente o movimento da Educação do Campo tem se afirmado na sociedade brasileira por um conjunto de lutas sociais e práticas educativas em defesa de um novo paradigma de educação e de escola do campo (MOLINA, 2011). Visando implementar processos de formação humana, tendo por base os processos produtivos e as formas de trabalho próprias dos sujeitos do campo, neste contexto a agroecologia vem sendo considerada como um instrumento importante para a Educação do Campo no que diz respeito ao desenvolvimento do campo e da sociedade.



A agroecologia, como matriz técnico-científica inovadora, assume uma dimensão central nas reflexões e nas práticas do movimento da Educação do Campo. Ainda segundo Molina (2011):

Nas experiências de formação no ensino superior existem diversos projetos e programas que assumem a agroecologia como eixo orientador de suas propostas educativas, a exemplo do Programa Residência Agrária desenvolvido pelo PRONERA no âmbito do MDA e, mais recentemente, dos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em agroecologia, âmbito do MEC.

Sendo assim, é possível constatar que tem sido crescente o enfoque agroecológico no âmbito do movimento da Educação do Campo nos diversos níveis de ensino. Além disso, diversos movimentos sociais e sindicais do campo têm incorporado a agroecologia como estratégia política e, assim, implementado ações na promoção da agroecologia.

Para Silva e Miranda (2015), a agroecologia no Brasil é marcada pelo encontro e pela articulação dos diversos segmentos e movimentos sociais na luta pela defesa e pela afirmação da agroecologia, que tem nos últimos anos fomentado espaços de diálogos e reflexões acerca do enfoque agroecológico. Logo, para as autoras, a agroecologia como ciência, prática e movimento social representa estratégia importante para o desenvolvimento da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica.

METODOLOGIA

O projeto foi realizado com o Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental – ATES, executado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), para os assentamentos rurais da cidade de Tupanciretã no estado do Rio Grande do Sul - Brasil, em parceria com o LABMESC (Laboratório de Mediações Culturais e Sociais) e o programa de ATP (Assessoria Técnica e Pedagógica), ambos pertencentes ao DEAER (Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural - Universidade Federal de Santa Maria, Brasil).

A produção do vídeo foi fundamentada na metodologia educacional e na utilização das TICs e tem como base a educação pela autoria e pelo protagonismo, concebendo a utilização da linguagem cinematográfica como forma de promover ações criativas entre educadores, ATP, ATES e agricultores de assentamentos da reforma agrária em torno do eixo temático agroecologia. Visa produzir uma reflexão acerca das questões sociais e produtivas, ressaltando a agroecologia e a potencialidade do valor transformador das tecnologias que gravam com imagens e sons – como é o caso dos aparelhos celulares, das câmeras fotográficas e de filmagem – tão constantes no cotidiano.

O processo de investigação, construção e produção do vídeo é pautado nas bases das metodologias participativas, que abrangem um amplo conjunto de métodos e técnicas de pesquisa, ensino, extensão, avaliação, gestão e planejamento, cujo denominador comum é o princípio da participação, em diversas formas e graus de intensidade, de todos os atores envolvidos nos problemas que pretendem solucionar (THIOLLENT; SILVA, 2007). Utilizando a linguagem cinematográfica como recurso participativo, os aparatos tecnológicos e os métodos utilizados na produção do vídeo podem ser divididos em seções e subseções que detalham a função de cada método de produção, conforme Quadro 1:

QUADRO 1: APARATOS TECNOLÓGICOS E MÉTODOS UTILIZADOS NA PRODUÇÃO DO VÍDEO.

Seções	Subseções
Abordagem do tema	Definição do tema a ser representado.
Discussão de argumentos	Decisão sobre locais, participantes, experiências a serem documentadas.
Elaboração do roteiro	Produção do roteiro escrito, contendo o planejamento do vídeo, detalhando introdução, narrações, locais, participantes, perguntas, ângulos de câmera, conclusão.
Filmagem	Ida a campo dos documentaristas para a captação do material fílmico.
Decupagem	Análise, seleção e recortes do material bruto, sincronização entre narrações e imagens> edição - montagem em edição não linear utilizando <i>software</i> profissional, inserção de efeitos, títulos, trilha sonora, tratamento de imagem.
Edição e finalização	Fechamento do arquivo de vídeo, comumente para arquivo denominado *.mov, exportação para o canal Youtube e gravação em plataforma de mídia DVD.

FONTE: Produzido pelos próprios autores.

Pré-produção

O processo de produção do vídeo iniciou-se com a reunião da equipe para definição dos argumentos que seriam utilizados, decisões como: qual o tipo de experiência agroecológica vai ser representada e por que, a escolha dos atores sociais e as localidades disponíveis. Essa etapa de argumentação e escolha de participantes é decisiva para o caráter da realidade social que pretende ser representada. Após concluída essa etapa do processo, o roteiro passa a ser elaborado para nortear as filmagens seguintes. Todo o material produzido na forma escrita foi editado no *software* Microsoft Word.

Produção

A produção caracteriza-se por colocar em funcionamento o roteiro concebido para realizar as filmagens do vídeo. Foram necessárias viagens até a cidade de Tupanciretã para a produção do vídeo, portando os seguintes equipamentos: 2 (duas) câmeras Sony AVCHD HXR-MC2000 Digital, 2 (dois) tripés, 2 (dois) microfones boom pequenos - acoplados nas câmeras, e 1 (um) microfone de lapela; além da equipe técnica, composta por 2 (dois) cinegrafistas, uma educadora pesquisadora, produtores do roteiro e representantes das famílias assentadas. Todas as filmagens realizadas foram guiadas pelo roteiro de filmagem definido no processo de pré-produção. O processo de captação de material para o vídeo fez-se acompanhado pelos assentados/atores, que em conjunto com a equipe de produtores do roteiro, exerceram a direção e a produção colaborativa de todas as cenas.



Pós-produção

O último processo de produção foi realizado em computadores modelo Macintosh, desenvolvido pela Apple, e é caracterizado por etapas de decupagem, edição e finalização do arquivo de vídeo. Nessa etapa, o roteiro previamente decidido sofreu alterações em reuniões feitas com os produtores do roteiro, em função de adaptação ao conteúdo extraído dos participantes das filmagens. Assim, ao receber as imagens e os sons captados na etapa de produção, fez-se uma decupagem do material, consistindo em analisar todos os minutos de gravação e a partir deles dar forma ao conteúdo pretendido. Posteriormente à decupagem, iniciou-se a edição do material, ela é não linear, assim chamada porque emprega uma ilha de edição com computadores, *softwares* e possíveis complementos, como teclados, *mouses* e caixas de som, que possibilitam inúmeras modificações na edição sem seguir um padrão linear utilizando. Para tanto, utilizou-se o *software* profissional de edição não linear Final Cut Pro X. Na edição e na finalização do material selecionado, foram aplicadas músicas de fundo, transições e títulos que especificam a atividade e a finalidade do vídeo; contou-se ainda com o fechamento do arquivo em três plataformas de mídia como: arquivo *.mov para computador, exportação para o canal virtual Youtube e gravação em disco DVD.

Desta forma, o produto final ocorreu por meio da produção e da edição de um vídeo, relatando e mostrando o projeto, com o propósito de divulgar para as demais famílias da região de uma forma simples e esclarecedora, com uma linguagem adequada, dos próprios assentados, as concepções que visam a um maior desenvolvimento rural. Corroborando com esse entendimento, o cineasta Rocha (1963) salienta que em seus vídeos sua maior preocupação nas produções era analisar o estilo e a invenção de uma linguagem ajustada à carência de recursos, ou seja, de acordo com a realidade dos espectadores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Havendo a preocupação em se produzir alimentos mais saudáveis sem produtos químicos, algumas iniciativas se mostram importantes, assim o vídeo entra como um difusor dessas iniciativas, vindo a mostrar que é um aliado forte na propagação de conteúdos e mensagens. Segundo Freire (1967), o saber deve estar interligado com o concreto, com a realidade das pessoas; somente com um método ativo, dialogal, participante e crítico se pode de fato interferir no conhecimento e na realidade dos sujeitos.

Logo, a Educomunicação, que é a conexão de educação com comunicação, se mostrou muito eficiente como proposta educacional inovadora no meio em que foi utilizada, empregando ideias e experiências dos próprios assentados que são o grande foco desse projeto.

Perante o projeto aplicado no assentamento, os agricultores da região começaram a fornecer seus produtos para a merenda escolar do próprio município, como mostra a Figura 1. Tal evento encontra-se respaldado na Lei 11.947/2009 e nos Programas Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Todo esse conjunto de informações e incentivos possibilita que o agricultor tenha mais conhecimento, para que este diversifique sua produção, o que o torna mais propenso a atender uma maior demanda, não só na merenda escolar local, mas também em áreas que abranjam outros municípios.

FIGURA 1: PRODUTOS PRODUZIDOS PELOS ASSENTADOS E ARMAZENADOS PARA A MERENDA ESCOLAR DA CIDADE DE TUPANCIRETÁ.



FONTE: Autores do projeto.

Juntamente com o apoio da ATES e dos ATPs, as famílias assentadas começaram a produzir alimentos orgânicos a partir da agricultura familiar, conforme Figura 2, os quais possuem uma maior aceitação pelo consumidor. São produtos mais saudáveis e benéficos à saúde que os convencionais, produzidos com agrotóxicos.

FIGURA 2: ALIMENTOS ORGÂNICOS PRODUZIDOS A PARTIR DA AGRICULTURA FAMILIAR.



FONTE: Autores do projeto.

Ressalta-se que os produtos são vendidos na própria região, como demonstrado na Figura 3, condicionando assim uma renda maior, além de ser proporcionado a essas famílias conhecimento sobre agroecologia, sustentabilidade e desenvolvimento de suas propriedades em equilíbrio com o meio ambiente, para que os recursos naturais sejam preservados para as gerações presentes e futuras.

FIGURA 3: FEIRA DE PRODUTOS ORGÂNICOS.



FONTE: Autores do projeto.

As famílias visualizando os temas expostos no vídeo conseguiram entender que deve existir uma intenção de mudança no meio, sendo possível diversificar suas culturas e ter melhorias em sua qualidade de vida sem comprometer a sua renda. Exemplos que deram certo nos assentamentos podem tornar-se futuramente promotores e motivadores de mudanças também em outras regiões que estão fora do eixo de assentamentos de Tupanciretã, disseminando deste modo mais informações sobre as atividades que os assentamentos realizam, vindo a expor novos projetos e novas cadeias de produção que são relevantes. Destaca-se na Figura 4 o vídeo produzido entre 2014 e 2015 pelo LabMesc, disponível no *site* da UFSM e no Canal YouTube.

FIGURA 4: VÍDEO PRODUZIDO NO ASSENTAMENTO DA CIDADE DE TUPANCIRETÁ.



Fonte: LabMESC UFSM.

Nos dias atuais se torna cada vez mais difícil produzir alimentos sem agroquímicos, mais benéficos para a população e para o meio ambiente, por isso a conscientização de produtores e a disseminação de informações sobre essa modalidade de produção, baseada no uso de técnicas de manejo de recursos naturais, como adubos orgânicos, rotação de culturas, entre outros, se tornam importantes.

Nesse contexto, todos têm benefícios, os produtores que não precisam ter contato com produtos tóxicos, mantendo a produtividade de suas terras e ainda colaborando de forma integrada com o meio ambiente; e também os consumidores, que estarão adquirindo produtos mais saudáveis e de maior qualidade. Assim, a agricultura familiar pode ter uma diversidade de cultivos, para abastecer não só a própria família, mas também o mercado local e regional, gerando renda e perspectiva de crescimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educomunicação, em diálogo com as TICs na sistematização de assentamentos rurais, foi uma tarefa desafiadora. O projeto e a divulgação do vídeo tiveram grande aceitação entre as famílias, levantando o tema sobre a agroecologia e a diversidade de produção e mostrando ser eficiente em sua proposta de facilitar a divulgação das ideias, corroborando com a afirmação que o uso das TICs, sobretudo a televisão e o computador, movimentaram a educação e provocaram novas mediações em espaços formais e informais (KENSKI, 2010).

A criação do vídeo permitiu ações coletivas entre a UFSM, as ATPs, as ATEs e os assentamentos rurais, identificando as dificuldades e os desafios, apontando para os problemas da realidade vivenciada. Por meio do projeto colaborativo entre os participantes houve a observação e a ação, cuja inclusão de tecnologias potencializou a integração, o envolvimento e o compromisso social, assegurando a formação de cidadãos participativos e comprometidos.



Portanto, usar recursos tecnológicos como o vídeo na extensão rural possibilita um compartilhamento do conhecimento dos assentados, demonstrando nas práticas inovadoras como a agroecologia pode ser importante, não só para o meio ambiente, mas por atualmente ter uma maior aceitabilidade do consumidor final, além de gerar renda para os assentados e inserir toda a família no processo produtivo. Assim, os vídeos mostraram-se importantes ferramentas de socialização do conhecimento no âmbito social.

REFERÊNCIAS

KIRST, P. G.; BIAZUS, M. C. Educação Colaborativa: fluxos e redes. **Informática na Educação: Teoria & Prática**, Porto Alegre, v.9, n.2, p.49-56, jun./dez.2006.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Unesp, 2004.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar**, Curitiba, n.31, p. 213-230, 2008.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GADOTTI, M. Educação popular, educação social, educação comunitária: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos**, Taguatinga, v.18, n.1, p.10-32, dez. 2012.

GALL, E. **Práticas educacionais**: miradas sobre lo inacabado. 2005. Disponível em: < <https://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducucomunicacao/saibamais/textos/texto,2,46,268>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

GIANNETTI, C. **Estética Digital**: sintopía del arte, la ciencia y la tecnologia. Barcelona: Associació de Cultura Contemporània L'Angelot, 2002.

HOPPE, B. C. A. **Práticas Educomunicativas no contexto escolar**: obstáculos e perspectivas. 2016. 94f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**. O novo ritmo da informação. 6.ed. Campinas: Papirus, 2010.

BRASIL. **Lei nº. 11.947, de 16 de junho de 2009**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/civil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11947.htm> Acesso em: 09 set. 2017.

MACHADO, J. T. et al. Educomunicação como Processo Formativo: uma abordagem sobre violência no âmbito escolar. **Revista Anagrama**, ano 3, edição 4, jun./ago. 2010. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35452>> Acesso em: 07 set. 2017.

MELO, J. M. de. **História das Ciências da Comunicação**. São Paulo: Vozes, 2008.

MESSIAS, C. A. Educomunicação nas Ciências da Comunicação: um conceito que surge, no Brasil, a partir de práticas, reflexões e olhares. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34, 2011, Recife. **Anais...** Recife: INTERCOM, 2011.

MOLINA, M. C.; FREITAS, H. C. de A. Avanços e desafios na construção da Educação do Campo. **Em Aberto**, Brasília, v.24, n.85, p.17-31, abr. 2011.

OLIVEIRA, P. **A importância dos audiovisuais na educação**. 2008. Disponível em: < <http://patriciaoliveirasilva.blogspot.com.br/2008/06/importancia-de-recursos-audiovisuais-na.html>> Acesso em: 07 set. 2017.



ROCHA, G. **Revisão crítica do cinema brasileiro**. São Paulo: Cosac e Naify, 1963.

SANTOS, R. E.; SANTOS, J. L. Educomunicação: Histórias em quadrinhos e fanzines no ensino de Artes. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v.22, n.1, p.31-42, jan./jun. 2017.

SILVA, L. H.; MIRANDA, E. L. **Educação do Campo e Agroecologia**: diálogos em construção. 2015. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt03-4650.pdf>> Acesso em: 11 de nov. 2017.

SOARES, I. de O. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>> Acesso em: 07 set. 2017.

SOARES, I. de O. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v.19, n.2, p.15-26, jul./dez. 2014.

SOARES, I. de O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2016.

THIOLLENT, M.; SILVA, G. de O. Metodologia de pesquisa-ação na área de gestão de problemas ambientais. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.93-100, jan./jun. 2007.

LabMESC UFSM. Vídeos produzidos durante o período de 2014 e 2015 na produção e edição de vídeos para as sistematizações ATES. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A8_PN7EHAdw&feature=youtu.be>. Acesso em: 28 ago. 2018.

WEIBEL, P. El mundo como interfaz. **El Paseante**: la revolución digital y sus dilemas. Madrid: Ediciones Siruela, n. 27-28, p. 110-121. 1998.